

Cornelius Van Til e Alvin Plantinga: Uma Breve Comparação

James N. Anderson

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Pontos de Concordância

1. Os dois reconheceram Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Um ponto óbvio e rudimentar, mas todavia importante. Louvemos a Deus por ele ter dirigido esses dois grandes intelectuais (e espíritos humildes) no serviço do Reino.

2. Os dois enfatizaram a relação determinativa entre metafísica e epistemologia, isto é, que uma boa teoria de conhecimento requer certa teoria da realidade. De fato, os dois foram ao ponto de argumentar (embora por caminhos diferentes) que uma estrutura especificamente *teísta* é necessária para o conhecimento humano ser obtido — embora Plantinga tenha sido mais reservado que Van Til na declaração de suas conclusões.

3. Como um ponto relacionado, os dois argumentaram que uma metafísica naturalista leva a um ceticismo debilitante na epistemologia.

4. Van Til argumentou apaixonadamente contra a idéia da autonomia epistemológica, isto é, a sugestão que as divergências entre crentes e incrédulos possa ser resolvida por um apelo aos princípios ‘religiosamente neutros’ da razão. Parece-me que Plantinga concordaria com essa posição (veja, por exemplo, seus comentários finais em *Reason and Belief in God* significando que “existe... discordância em primeiro lugar [entre teístas e não-teístas] quanto ao que é a libertação da razão), embora isso não apareça proeminentemente na obra de Plantinga como na de Van Til.

5. Similarmente, os dois argumentaram que o filósofo cristão não deve trilhar seu caminho a partir de uma posição de pretensa autonomia ou neutralidade, como se isso fosse um pré-requisito de participação na ampla comunidade filosófica. Pelo contrário, a filosofia cristã deve ser conduzida (sem vergonha) dentro dos limites e sobre os compromentimentos cristãos doutrinários. Nesse ponto veja Van Til, *passim*,² e Plantinga, esp. *Advice to Christian Philosophers*.³

6. Os dois endossaram (em termos gerais) a visão de Calvino do *sensus divinitatis* — o conhecimento inato (ou disposição ao conhecimento) de Deus

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em fevereiro/2008.

² Advérbio latino que significa, literalmente, “aqui e ali”; “por toda parte”; “neste lugar e noutros”. (N. do T.).

³ <http://www.leaderu.com/truth/1truth10.html>

implantado na mente humana. Como tal, ambos sustentaram a ‘basicidade apropriada’ da crença em Deus: a crença teísta pode ser justificada para uma pessoa (e, no caso ‘normal’, *deveria* ser justificada) mesmo na ausência de razões, evidência confirmatória, argumentos explícitos, etc. baseados em outros itens de conhecimento. (Mas veja abaixo algumas diferenças) Assim, os dois rejeitaram firmemente a idéia que a crença teísta racional deve ser confirmada por um fundamento de outras crenças mais fundamentais (e alegadamente menos controvertidas).

7. Os dois criticaram o projeto da teologia natural, em parte por causa do mito que bons argumentos teístas são necessários para a crença teísta racional, e em parte porque os dois pensavam que os argumentos tradicionais da existência de Deus eram pobres ou totalmente falaciosos. (Contudo, veja abaixo algumas diferenças no motivo para essas críticas). Plantinga se entusiasmou com a teologia natural em anos mais recentes (compare ‘*God and Other Minds*’ com sua palestra ‘*Two Dozen (or So) Theistic Arguments*’⁴), e alguns vantilianos também (notavelmente, John Frame). É uma falsa concepção que Van Til rejeitou *em princípio* a formulação de argumentos teístas (ou argumentos teístas *não-transcendentais*), mas veja as correções abaixo:

<http://www.vantil.info/articles/vtfem.html#AIII>

Pontos de Discordância

1. A obra de Plantinga enquadra-se diretamente na tradição analítica Anglo-Americana, enquanto a obra de Van Til é caracteristicamente estruturada no sistema e terminologia conceitual do pensamento idealista Europeu. (Esse último fato explica parcialmente o repúdio negligente e superficial da obra de Van Til entre os filósofos cristãos contemporâneos, embora vários estudantes de Van Til — notavelmente Frame e Bahnsen — tenham feito muito para traduzir seu pensamento numa forma mais ‘palatável’.) [Sem dúvida, esse ponto não é uma *discórdia* como acontece numa diferença em abordagem.]

2. Também sobre o assunto de estilo (todavia, com implicações para substância), a obra de Plantinga é caracterizada por detalhe analítico exaustivo (e, para alguns de nós, cansativo!), com argumentos meticulosamente formalizados, enquanto Van Til pinta em golpes filosóficos amplos com um olho no “retrato maior” — deixando os detalhes para outros, mais assim inclinados, preencher. (William Lane Craig, injustamente na minha opinião, escreveu que Van Til “não era um filósofo”, aparentemente por causa dessa diferença entre os dois homens.)

3. Van Til e Plantinga evidentemente discordavam sobre a natureza da liberdade humana e a extensão da soberania divina. Van Til seguiu a *Confissão de Fé de Westminster*, III & IV, nesse ponto e assim, estava comprometido a

⁴ <http://philofreligion.homestead.com/files/Theisticarguments.html>

uma visão compatibilista da liberdade humana. Plantinga, por outro lado, está firmemente persuadido (aventuro dizer que mais por considerações filosóficas do que bíblicas) que uma posição libertariana e incompatibilista é correta. Esse não é um ponto pequeno, pois a obra dos dois foi profundamente influenciada pelas suas visões sobre esse assunto. Por exemplo, Van Til sustenta que a pré-interpretação abrangente de Deus, e, portanto, pré-determinação da história da criação (incluindo as ações humanas livres) é uma pré-condição para a inteligibilidade da mesma (para aqueles de nós criados “para pensar os pensamentos de Deus segundo ele”). O clássico *Free Will Defence* [Defesa do Livre-Arbitrio] de Plantinga (contra o argumento ateísta dedutivo a partir do mal) e sua obra sobre a reconciliação da presciência divina com os atos livres do homem (veja *On Ockham's Way Out*) pressupõem um conceito libertariano da liberdade humana.⁵

4. Embora os dois fossem críticos da teologia natural, as denúncias de Van Til foram feitas primariamente por uma preocupação com a influência de comprometimentos à (ou pretensões da) autonomia intelectual e neutralidade na formulação dos argumentos teístas, a apresentação de evidências cristãs e o desenvolvimento de metodologias apoloéticas cristãs em geral. As objeções de Plantinga, por outro lado, foram mais motivadas (pelo menos em suas primeiras obras) pelo ceticismo sobre o que os ‘argumentos clássicos’ alcançam e por suas visões, muito influenciada pela tradição Reformada, com respeito à basicidade apropriada da crença teísta (que sugere que a teologia natural é na melhor das hipóteses supérflua, e na pior ímpia).

5. Van Til defendeu o uso de uma forma de argumentação *transcendental* como o único método capaz de racional, objetiva e decisivamente julgar sistemas filosóficos com pressuposições conflitantes (com respeito à natureza da realidade, a natureza de Deus, a natureza do homem e seu intelecto, a autoridade epistêmica última, etc.). Como resultado, Van Til se gloria no que ele toma como sendo o elemento inevitável de circularidade e pré-comprometimento na apoloética teísta cristã, para não mencionar a conclusão correlata impressionante que o “anti-teísmo pressupõe o teísmo”. As obras publicadas de Plantinga, até onde conheço, não fizeram nenhum uso explícito de (ou mesmo comentário sobre a) argumentação transcendental na causa apoloética (embora seu ‘argumento evolucionista contra o naturalismo’ seja comprovadamente no espírito, se não no conteúdo, proveniente das críticas negativas transcendentais proeminentes no pensamento vantiliano). Penso que esse é um ponto onde poderia (e deveria) haver mais diálogo frutífero entre vantilianos e plantinganos, uma vez que restam preconceitos e falsas concepções dos dois lados.

6. Van Til colocou uma ênfase consideravelmente grande sobre a *antítese* radical entre o crente e o incrédulo com respeito às normas epistêmicas e éticas (embora o fato que Van Til via essa antítese como uma de *princípio*, e

⁵ Meu amigo Paul Martin apontou-me que, estritamente falando, o *Free Will Defence* não pressupõe a realidade da liberdade libertariana, mas meramente sua possibilidade. Ele tem razão!

não *prática*, é freqüentemente negligenciado mesmo por seus supostos defensores, em detrimento da causa vantiiana). Da minha leitura de Plantinga, penso que ele endossaria essa perspectiva *até certo ponto*, mas de forma alguma concordaria com as formulações mais extremas de Van Til sobre o assunto. (Não faço nenhum comentário aqui sobre a motivação das partes para suas posições sobre esse difícil assunto!)

7. Embora exista muita semelhança entre a visão de Van Til da crença teísta cristã como ‘pressuposições’ e as ‘crenças apropriadamente básicas’ de Plantinga, Van Til concedeu às ‘pressuposições’ uma importância consideravelmente maior. Por exemplo, Van Til uniu um forte componente ético a tais crenças (considere seu tema ‘guardar o pacto/quebrar o pacto’; cf. também a exposição de Frame das pressuposições como ‘comprometimentos básicos de coração’) e também via as mesmas (ou pelo menos um número significativo delas) como possuindo *necessidade transcendental*, isto é, como sendo pré-condições necessárias para a investigação e o debate racional.

8. Finalmente, parece que Van Til e Plantinga tiveram entendimentos levemente diferentes do *sensus divinitatis*. Van Til, colocando muita ênfase sobre uma interpretação Reformada popular de Romanos 1, aparentemente via isso como *conhecimento real de Deus* — presente em cada ser humano, suprimido pelo pecado mas inerradicável, e assim fornecendo o ‘ponto de contato’ universal para o apologista. Para Van Til, então, todo incrédulo conhece a Deus (a despeito de sua confissão) num nível fundamental e arraigado, mas potencialmente acessível. Plantinga, contudo, parece conceber o *sensus divinitatis* de uma forma menos forte; como uma *faculdade* ou *disposição* intelectual para com a crença em Deus, pelo qual a crença justificada em Deus é gerada em certas circunstâncias apropriadas (e provavelmente comuns). Assim, Plantinga (como eu o entendo) não iria ao ponto de dizer que toda pessoa *conhece* a Deus (quer em princípio ou na prática), mas somente que toda pessoa possui uma disposição (dada por Deus) natural e normativa para com a crença teísta, a qual tem sido consideravelmente distorcida pelo pecado ao ponto de nem todos serem *realmente*. (Esse reconhecimento comum dos efeitos noéticos do pecado sugerem outro ponto de concordância entre os dois: ambos reconhecem a necessidade da graça divina no conhecimento humano de Deus, e a necessidade da regeneração completa para o conhecimento salvador, embora novamente Van Til faça muito mais isso do que Plantinga. Deixo para outro momento a questão de se isso implica ou requer uma soteriologia calvinista da parte de Plantinga...)

Fonte: <http://www.vantil.info/>